

A violência na escola no Brasil: impasses e desafios

School violence in Brazil: dilemmas and challenges

Doracy Gomes Pinto Lima¹

Antonio Paulino de Sousa²

RESUMO

O presente trabalho trata de um estudo bibliográfico e de campo realizado na pós-graduação no qual buscamos estudar a temática violência na escola. O objetivo era compreender como se configura a violência no âmbito de uma escola pública. Para tanto, elegemos alguns teóricos e estudiosos como Debarbieux (2006), Charlot (2002) que vem desenvolvendo, há muitos anos, estudos sobre essa temática na França, buscando fazer a sua conceituação e diferenciação por se tratar de um termo polissêmico. Assim, como diferenciar violência na escola, violência à escola e violência da escola. E no Brasil temos Spósito (2001) e Abramovay (2003). A primeira faz um levantamento sobre alguns estudos sobre violência no Brasil a partir dos anos 80 do século XX e a segunda vai falar sobre a violência na escola e também a grupos mais específicos (gângues, gênero e juventude).

Palavras-chave: Violência na escola. Pesquisas. Incivilidade.

ABSTRACT

The present work is a bibliographical study and field research conducted during post- graduation course where we seek to study the subject in school violence. The objective was to understand how to set up the violence in a public school. So we elected some theorists and scholars such as Debarbieux (2006), Charlot (2002) who has been developing for many years studies on this topic in France seeking to make their conceptualization and differentiation because, it is a polysemic term. So

¹ Professora da rede Estadual e Municipal de Ensino de São Luis. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão. E-mail: doracypinto@yahoo.com.br

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa em Ciências Sociais. Doutor em Sociologia - Université de Paris VII. E-mail antonio.paulino@terra.com.br

how to differentiate violence at school, violence to school and school violence. And in Brazil there is Sposito (2001) and Abramovay (2003), the first made a survey of some studies on violence in Brazil in the 80s in the 20th century and the second talks about violence in school and also the more specific groups (gangs, gender and youth).

Keywords: Violence in school. Research. Incivility.

Introdução

A violência na escola tem sido um assunto de grande interesse e debates no mundo contemporâneo, apesar de poucos estudos acadêmicos no Brasil essa temática se constitui como um assunto indispensável e que suscita discussões e reflexão acerca da sua amplitude.

O nosso estudo é delimitado a partir dos anos 80 do século XX, quando se realizam os primeiros estudos no Brasil sobre a violência na escola, mais precisamente por Guimarães (1984). E, nos anos 90, tivemos uma pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) sobre a violência na escola. E posteriormente, surgem outros estudos ainda que de forma tímida.

Assim, entendemos ser importante fazer a conceituação da temática violência na escola, dando ênfase aos teóricos e estudiosos que discutem essa problemática internacional e nacionalmente, evidenciando alguns estudos que foram desenvolvidos no Brasil, além de enfatizar a relação existente entre violência e incivilidade.

Apesar de existirem poucos estudos ainda no nível da academia, não negamos a importância dessa temática, pelo contrário, entendemos ser indispensável trazer essa discussão para a academia, para as escolas e para a sociedade.

Conceituando a temática

O fenômeno da violência escolar é complexo e apresenta uma variedade de concepções que mudam de acordo com o período, a cultura, os valores e a ética de cada grupo social. Assim, ao estudar essa problemática, torna-se necessário verificar como esse termo tem

sido explicado e definido e se o mesmo tem sido diferenciado de outros considerados semelhantes.

Na compreensão dessa definição, Debarbieux (2006) afirma que

[...] a violência parece escapar a uma definição única. É necessário dizer que o fenômeno surge de modo relativo: relativo a uma certa época, a um meio social, a circunstâncias particulares. Ela depende de códigos sociais, jurídicos e políticos das épocas e dos lugares onde ela toma sentido. (DEBARBIEUX, 2006, p. 93).

Ao falarmos da violência, num primeiro momento, surge a necessidade de refletirmos acerca da construção do conceito de 'violência'. Desse modo, buscaremos algumas definições do termo, para que possamos enriquecer o nosso estudo.

Debarbieux (2006) busca mostrar como a violência na escola é socialmente construída, e vê-se diante do impasse de definir o que é e o que não é violência na escola. A esse termo foram associados vários significados, o que o tornou de grande abrangência significativa, causando uma confusão *semântica e léxica*.

Para Debarbieux (1999), a violência está relacionada a três dimensões distintas: a degradação do ambiente escolar, a violência que se origina de fora para dentro das escolas e aquela que se origina dos seus componentes internos.

Debarbieux (2006) e Charlot (2002) ressaltam a dificuldade de conceituar a violência na escola, por fazer referência a fenômenos heterogêneos e, por essa razão, há dificuldade de se delimitar tal conceito. Assim também porque a violência desestrutura as representações sociais de grande valor para a sociedade como as da infância, que está associada à inocência, e da escola, local de paz e tranquilidade.

Charlot (2002) apresenta a violência em três dimensões: violência na escola, violência à escola e violência da escola. E afirma que ela é definida pelo uso da força, pelo poder e pela dominação. Posteriormente, veremos essas dimensões de forma mais clara.

Para Charlot (2002), a violência na escola não deve ser apresentada como um fenômeno novo, mas como um fenômeno que assume formas novas de se manifestar. Assim, vários foram os estudos

científicos desenvolvidos acerca desse fenômeno, dentre os quais se destaca o estudo feito no observatório por pesquisadores franceses. Debarbieux (2001) avalia que foram necessários trinta anos para a construção social desse objeto, quando se desenvolveram pesquisas no âmbito, objetivando a compreensão desse fenômeno. Identificaram a negação do mesmo por parte de muitas escolas, além da dificuldade de se entender e conceituar a violência escolar.

Uma das dificuldades apresentadas por muitos autores (além do conceito de violência) trata de estabelecer o termo que melhor se empregaria a esse objeto, resultante não somente da questão semântica, mas também de questões políticas. Muitos países consideram o termo ‘violência’ forte demais para ser utilizado. Diante dessa realidade, os pesquisadores europeus fizeram uso da expressão ‘comportamentos antissociais’, atribuindo ao termo ‘violência na escola’ aspectos associados a questões jurídicas, como delinquência. Portanto, em Debarbieux (2001) veremos um consenso que se firmou nos encontros internacionais e na evolução da literatura sobre o uso de uma definição tão ampla como o termo ‘violência’ que nos remete ao estudo de todos os aspectos referentes a esse fenômeno na escola.

No Brasil temos algumas considerações feitas por Sposito (1998; 2001) e Abramovay (2003). Sposito (1998) define a violência como ação que se origina no interior da escola ou como aquela que tem uma estreita relação com escola. Desse modo, a autora fala da violência na escola, a partir da sua caracterização, reconhecendo-a como ações que danificam o patrimônio escolar e as relações interpessoais, envolvendo os alunos e seus pares em ações conflituosas. No entanto, Abramovay (2003, p. 93) concebe a violência como “[...] a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro ou de grupos e também contra si mesmo, abrangendo desde suicídios, espancamento de vários tipos [...] e todas as formas de violência verbal, simbólica e institucional”.

Esses conceitos e algumas pesquisas realizadas por essas autoras serão retomadas mais à frente. Além dessas autoras, temos também outros estudiosos que desenvolveram pesquisas no Brasil, como Guimarães (1995) que investiga a ação da galera *funk* e do narcotráfico nas escolas públicas do Rio de Janeiro; Candau (1999) que investigou

também na cidade do Rio de Janeiro, a violência escolar no universo dos docentes da rede pública; e Lanterman (2000), que investigou duas escolas em Florianópolis, marcadas pela sensação de caos e deterioração das relações.

Para Debarbieux (2006), o que interessa não é a simples questão de estabelecer o conceito de violência. O que importa, de fato, além de conceitos, são os mecanismos de ação que se propagam no ambiente escolar, ou seja, os mecanismos que favorecem a violência na escola.

De acordo com Debarbieux (2006),

[...] a violência na escola pode ser agressão excepcional. Ela é sobretudo acumulação, repetição, desgaste e opressão. É deste modo que ela deve ser compreendida e combatida e, em primeiro lugar, devido as suas consequências sobre as vítimas. Este é um passo fundamental para a compreensão do que é e do que faz a violência na escola. (DEBARBIEUX, 2006, p. 130).

Sposito (2001) buscou delimitar o fenômeno da violência na escola, a partir dos anos 80, década em que se registraram modalidades de violência em torno do espaço educativo, como ações contra o patrimônio, envolvendo pichações e depredações. O debate sobre a violência na escola, nesse período, estava voltado para estudos de caso e limitavam-se às pesquisas desenvolvidas pela academia.

A discussão em torno do fenômeno, iniciada na década de 1980, é resultante, também, do processo de redemocratização do país. Momento em que a questão da segurança surge com bastante notoriedade no debate público, passando a constituir um problema importante, somado às reivindicações da população periférica por melhores condições de vida e segurança, e que ressoava como um elemento de inquietação e de grande discurso na sociedade. De acordo com Sposito (2001),

É no quadro de uma ampla demanda de segurança por parte dos moradores das periferias, dos centros urbanos que o fenômeno da violência nos estabelecimentos escolares torna-se visível e passa a acompanhar a rotina do sistema de ensino público no Brasil, desde o início dos anos 80. (SPOSITO, 2001, p. 90).

Nesse contexto de demanda por segurança, pais, professores e alunos que se reuniam objetivando melhores condições de funcionamento da escola, tiveram como resposta aos seus anseios, policiamento, melhor iluminação, grades nas janelas, portões etc. Além disso, buscava-se uma escola mais democrática, nas quais seus usuários fizessem parte das tomadas de decisões.

Nos anos 80, a violência na escola estava basicamente voltada para ações contra o patrimônio público, todavia tal fenômeno toma uma vertente diferente na década de 1990, o que o torna mais complexo, já que passa a ser percebido nas relações interpessoais, em especial entre os alunos.

Neste período, são realizadas algumas pesquisas sobre a violência escolar, desenvolvidas por instituições diversificadas e entidades profissionais da educação e pesquisa de cunho acadêmico, como a pesquisa realizada pela UNESCO em 1997 e publicada em 1998 (1998a); a investigação de Guimarães (1990) nas escolas públicas de Campinas/SP; e a pesquisa da Universidade de Brasília/Laboratório de Psicologia do Trabalho (UNB/LPT) (1996 e 1997) no Laboratório de Psicologia do Trabalho, sobre Segurança nas Escolas Públicas, entre outras. Naquele momento, a violência observada nas escolas eram os atos de vandalismo que continuavam a ocorrer, como na década anterior, acrescidos de agressões interpessoais, principalmente entre os estudantes.

Na década citada, produções de conhecimento científico foram elaboradas nas universidades, no que se refere à temática 'violência na escola'. Aparecem então teses e dissertações que enfatizam a relação da violência social com a escola e algumas pesquisas acadêmicas, que definem o aumento da violência escolar como resultante da violência social, disseminadas por todo o país.

A UNESCO, no Brasil, vem desenvolvendo estudos, desde 1997, sobre juventude, violência, cidadania e outros. Dentre os estudos mais recentes, estão os relacionados ao ambiente escolar - a violência na escola - que tem se tornado, mundialmente, uma preocupação por parte das autoridades e da sociedade civil. Segundo Abramovay (2003),

Em todo o mundo, a violência na escola é um tema cotidiano, um importante objeto de reflexão das autoridades e um foco de notícias na imprensa. No

Brasil, este era um assunto invisível. A publicação da UNESCO detonou um processo que torna pública a preocupação com este fenômeno. No entanto, chama a atenção o fato de que o assunto ganha destaque nos debates públicos e na mídia [...]. (ABRAMOVAY, 2003, p. 102).

A pesquisa desenvolvida pela UNESCO em 2001 objetivava compreender as percepções apresentadas pelos indivíduos, suas experiências e perspectivas sobre a violência. Foram realizadas entrevistas e grupos focais com o objetivo de verificar e analisar de que modo alunos, professores e diretores percebem a realidade escolar. Na pesquisa, os entrevistados por meio de questionários foram 33.655 alunos, 3.099 professores e 10.255 pais. Para o estudo qualitativo foram realizadas entrevistas e grupos focais com 2.155 pessoas. A escolha das cidades foi feita de modo a abranger todas as regiões brasileiras.

Dessa forma, foi possível observar como a violência é apresentada e quais os seus tipos de manifestação nas escolas. Nos dados colhidos, puderam ser observadas as diversas formas de violência física, com ênfase na violência sexual, o uso e o porte de armas e as ameaças.

Diante de alguns dados apresentados nesta pesquisa e dos estudos que foram desenvolvidos até o presente momento, vemos que a violência na escola continua sendo um fenômeno de múltiplas definições e manifestações e, por assim dizer, instiga buscas e tentativas de compreensão que buscam abranger e elucidar esse fenômeno de tão grande complexidade.

Ao refletirmos sobre a violência na escola, podemos perceber claramente que esse fenômeno vai muito além de conceitos, portanto devemos pensá-lo dentro de uma realidade social, de uma conjuntura, que traz para dentro da escola aspectos que são exteriores a ela. Assim, a violência registrada na escola apresenta-se como um fenômeno social, intimamente ligado às relações estabelecidas entre os sujeitos.

De acordo com Sposito (2001), o conjunto, ainda que pequeno, de trabalhos concluídos na década de 1990, sobretudo nos últimos anos, é revelador de um quadro complexo regido pelas formas de violência social que permeiam a vida urbana em bairros periféricos ou favelas das cidades brasileiras. Segundo Gonçalves e Tosta (2008), é permitido

se compreender a violência enquanto um fenômeno social e por assim dizer histórico. Porém, o que chama a atenção é a reprodução da mesma no espaço escolar, de forma explícita e implícita, pondo em risco a integridade física, psicológica e moral dos sujeitos ali inseridos.

Contrariando sua função socializadora, a escola afasta-se cada vez mais da comunidade, ao tomar algumas medidas de proteção que visam conter a violência, dentre elas, cercas elétricas, muros altos, sistemas de alarmes, policiamento ostensivo. E hoje tais medidas são tomadas com naturalidade pelos gestores e instituições escolares. No intuito de conter o avanço da violência são adotadas medidas preventivas, através de mecanismos de segurança, o que de certa forma não tem adiantado muito. A violência ocorre fora e dentro da escola e esses recursos utilizados e as ações desenvolvidas caracterizam-se apenas como políticas públicas compensatórias.

Para Abramovay (2003), a violência não está simplesmente associada aos fatos que ocorrem dentro dos limites da escola, mas ao bairro, à rua. Bares próximos à instituição, presença ou não de policiamento, existência de áreas de lazer, lojas etc. são fatores que favorecem ou inibem atos de violência. Esses elementos podem alterar o cotidiano da escola, as relações interpessoais e as interações com a comunidade. Além desse aspecto, aparecem também como elementos importantes a falta de equipamento de segurança, tráfico de drogas, a insegurança dos policiais, resultantes das ameaças sofridas por bandidos que cercam a escola.

Para a compreensão desse fenômeno Abramovay (2003) nos diz que

Em geral, é feita uma associação entre as características do entorno e o grau de vulnerabilidade a que estão submetidos os membros da comunidade escolar. Como já era de se esperar, quanto menos segurança, maior a sensação de vulnerabilidade e de falta de proteção. Os pontos de ônibus e o caminho entre local de moradia e a escola são apontados, pelos alunos, como os locais em que ocorrem mais problemas. (ABRAMOVAY, 2003, p. 105).

Nessa perspectiva, o que podemos afirmar, nesse primeiro momento, é que a escola vem sofrendo profundas mudanças, resultantes da desorganização da ordem social, institucional e da crise de valores. Essas mudanças podem se apresentar com facetas distintas: ora no forte controle exercido pela escola sobre os alunos, ora na ausência desse controle. Este último fator leva à degradação do ambiente escolar e à penetração de gangues e envolvidos com drogas na escola, o que a torna um espaço de múltiplas formas de violência.

Um tipo de violência bastante presente na escola é a violência simbólica que tem ocorrido com frequência, apesar de muitas vezes passar despercebida. Porém, ela está lá, faz parte das relações internas que se estabelecem entre os agentes escolares e pode se manifestar através da pressão moral e psicológica exercida sobre os alunos para que realizem as atividades. A ‘violência simbólica’ é um termo criado pelo sociólogo francês Bourdieu, pelo qual ele demonstra, juntamente com Passeron (2008), de que forma a cultura da classe dominante ou hegemônica é passada como legítima aos ‘dominados’. Na educação, a violência simbólica também se manifesta através da transmissão de conhecimentos, a partir de um modelo de ensino já estabelecido, no qual se predetermina o que os alunos devem aprender. Abrange, ainda, o modo como as relações pedagógicas tornam-se enraizadas e fundamentadas no autoritarismo.

Ao falar da violência simbólica no espaço escolar e como esta se manifesta, Bourdieu e Passeron afirmam (2008)

Numa formação social determinada, o TP pelo qual se realiza a AP dominante consegue tanto melhor impor a legitimidade da cultura dominante quanto está mais realizado, isto é, quanto consegue mais completamente impor o desconhecimento do arbitrário dominante como tal, não somente aos destinatários legítimos da AP, mas aos membros dos grupos ou classes dominados (ideologia dominante da cultura legítima como única cultura autêntica, isto é, como cultura universal). (BOURDIEU; PASSERON, 2008, p. 62).

Para os autores, a escola ao reproduzir a cultura da classe dominante estará contribuindo para a reprodução e legitimação das

desigualdades sociais. Essa reprodução que se evidencia na seleção dos conteúdos trabalhados pela escola são facilmente compreendidos pelos alunos da classe hegemônica. Os conteúdos fazem parte do meio social deles. O contrário acontece aos alunos pertencentes à classe dominada; estes não têm conhecimento necessário para uma melhor compreensão daquilo que a escola lhes quer ensinar.

De acordo com Bourdieu e Passeron (2008), este capital cultural pertencentes à classe hegemônica favoreceria êxito escolar aos da classe dominante, relegando à classe dominada o fracasso no rendimento escolar. Para eles, o que está em questão ao se falar da violência simbólica na escola é a forma como a escola lida com o capital cultural trazido pelas frações de classe, enfatizando a inculcação da cultura dominante que, de fato, acontece no espaço escolar, e como se estabelece esse reconhecimento da superioridade e legitimidade da cultura dominante sobre os dominados.

Delimitar o conceito de violência na escola não é tarefa fácil, pois existem inúmeros aspectos que são vistos ou conceituados como violência, causando impasse na definição do termo. O mesmo varia a partir de quem fala e de onde fala (professores, alunos, coordenadores etc.), como afirma Abramovay (2003). Porém o que nos interessa nesse momento, não é compreender as especificidades de cada instituição, mas sim essa realidade que é a violência na escola, buscando compreender as suas formas de manifestação no ambiente escolar.

A partir da literatura sobre o tema Violência na Escola foi realizado um levantamento/pesquisa³ sobre estudos desenvolvidos no Brasil acerca desse tema, do qual foi possível apreender uma diversidade de conceituações e manifestações desse fenômeno na escola.

Nesse contexto de múltiplas realidades que perpassam o ambiente escolar, foi possível observar-se, através das pesquisas, uma grande quantidade de definições e manifestações da violência no

³ Pesquisa intitulada "Panorama dos Estudos Sobre Violência nas Escolas no Brasil: 1980-2009" desenvolvida pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação do Brasil, visa dar visibilidade ao grande número de estudos, artigos e trabalhos científicos que, nesses quase trinta anos (1980-2009), tem sido escrito sobre todos os aspectos referentes ao tema. E apresenta como objetivo facilitar a produção acadêmica e científica e a elaboração de políticas públicas.

ambiente escolar. Por ser um termo polissêmico, fica ainda mais difícil se chegar a uma única definição.

Abramovay (2003) também enfatiza a violência no cotidiano escolar destacando três dimensões

A violência no cotidiano das escolas associar-se-ia, segundo Eric Debarbieux (2001), a três dimensões sócio-organizacionais distintas. Em primeiro lugar, à degradação no ambiente escolar, isto é, à grande dificuldade de gestão das escolas, resultante em estruturas deficientes. Em segundo, a uma violência que se origina de fora para dentro das escolas, que as torna "sitiadas" (Guimarães, 1995) e se manifesta por intermédio da penetração das gangues, do tráfico de drogas e da visibilidade crescente de exclusão social na comunidade escolar. Em terceiro, relaciona-se a um componente interno das escolas, específico de cada estabelecimento. (ABRAMOVAY, 2003, p. 94).

As três dimensões apresentadas por Abramovay (2003) são as mesmas evidenciadas por Charlot (2002) quando ele enfatiza a importância de se fazer as distinções conceituais que envolvem a violência na escola, a violência à escola e a violência da escola. Afirmando ser necessário, porém de difícil realização.

Ao falarmos da violência na escola, faz-se necessário pensá-la enquanto uma construção social, pois esse fenômeno varia, de acordo com a realidade na qual a instituição escolar está inserida, em intensidade, permanência e gravidade. Independente desses aspectos que envolvem o fenômeno e das suas formas de manifestação, o que podemos afirmar é que a violência afeta a escola e cria um sentimento de impotência diante da realidade. A partir da concepção de alguns estudiosos como Gonçalves e Tosta (2008), a violência é estudada enquanto um fenômeno social que se constitui num problema social de grande importância para a sociedade.

Sabendo-se que a violência na escola surge das relações e das ações de violência que se originam no meio social, faz-se necessário uma maior atenção para a compreensão desse fenômeno, no intuito de entendê-lo, dentro da conjuntura social na qual ele está inserido. Nessa perspectiva, leva-se em conta o período histórico e as relações que se

estabelecem entre sujeitos na escola, na comunidade, na sociedade e no país, como determinantes na definição desse fenômeno que não se esgota nem se unifica.

Portanto, a conceituação de violência na escola compreendida pelo pesquisador refere-se às ações empreendidas pelos agentes que causam dano a um indivíduo ou grupo. Além da degradação do ambiente escolar, associada às ações exteriores à escola e às intervenções físicas, verbal e psicológica interna às escolas.

Alguns estudos no Brasil sobre a violência na escola

É importante entendermos a trajetória dos estudos realizados no Brasil sobre violência na escola. A violência não aparece no debate público e na pesquisa desarticulada do social, muito pelo contrário. Neste item vamos levantar aspectos essenciais no desdobramento dessa temática no Brasil. Desse modo vamos nos voltar para a discussão nas décadas de 1980 e 1990 quando, num primeiro momento, esse tema aparece como resultante de ampla demanda por segurança por parte dos moradores da periferia e dos centros urbanos, seguido depois por algumas pesquisas acadêmicas. É nesse sentido que o fenômeno da violência nos estabelecimento de ensino torna-se visível.

De acordo com Sposito (2001), na década de 1980 foram denunciadas constantes depredações de edifícios e invasões ocorridas em prédios ociosos. Nessa década, havia um consenso de que as entidades escolares deveriam ser protegidas. E o poder político tentou responder a essa realidade de insegurança com duas medidas: a primeira refere-se à segurança voltada para as mãos de agências policiais, e a segunda, de cunho educativo, tentava alterar a escola de modo a atender a seus usuários.

Como afirma Sposito (2001), mesmo com as medidas tomadas, o problema da violência nos estabelecimentos de ensino persistiu.

Nesse período, não obstante a adoção de medidas pontuais, o problema da violência nas escolas persistiu, sob a forma de depredações contra os prédios e ameaças a alunos e professores. Mas o clima de insegurança agravava-se com a intensificação da ação do

crime organizado e do tráfico em algumas cidades brasileiras. Aumentam a criminalidade e o sentimento de insegurança, sobretudo nos bairros periféricos, e, dessa forma, a vida escolar passa a sofrer de forma mais nítida os impactos dessa nova conjuntura. (SPOSITO, 2001, p. 91).

Já na década de 1990 a violência na escola estava voltada para as interações de grupos de alunos. Nesse período, surge um grande número de iniciativas de âmbito público focadas na redução da violência na escola, sendo que algumas dessas iniciativas ocorreram em conjunto com a sociedade civil e Organizações Não Governamentais (ONGs).

Os primeiros estudos sobre a violência na escola no Brasil, desenvolvidos na década de 1980, apresentam somente duas pesquisadoras que realizaram estudos acadêmicos durante toda essa década. Uma delas, Guimarães (1984; 1990), desenvolveu sua pesquisa em escolas públicas da cidade de Campinas, interior de São Paulo. As primeiras pesquisas destacaram a violência que parte da prática das instituições escolares consideradas autoritárias e, por conseguinte, estimuladoras do clima de agressão. Porém, o resultado da pesquisa evidencia que esse fenômeno estava presente tanto nas escolas rígidas, no que concerne à disciplina, quanto nas escolas desorganizadas. A segunda pesquisadora, Moura (1988), realiza um estudo qualitativo e faz uso de uma concepção ampla de violência. Analisa os mecanismos de controle e punição e as formas da linguagem que não respeitam a experiência que o aluno traz do seu ambiente social e familiar.

Em relação às pesquisas desenvolvidas nos anos 90, algumas têm cunho descritivo e foram realizadas por ONGs e entidades de profissionais da educação, como sindicato de professores e associações de diretores e alguns estudos desenvolvidos por organizações públicas. O único levantamento nacional publicado em 1998 sobre a violência na escola apresenta três tipos de situações definidas como as mais frequentes: depredações, agressões entre alunos e agressões aluno versus professor, e roubos ou furtos, como afirma Codo (1999).

Nessa pesquisa, os resultados sobre vandalismo, roubo ou furto no ambiente escolar variam em torno de 68% no Pará a 33% em Alagoas. Quanto a agressões entre alunos, o Distrito Federal traz índices

de 58,6%, enquanto Goiás revela 8,5%. Nos casos de agressão contra professor dentro da escola, Mato Grosso apresentou 33%, enquanto o Rio de Janeiro apenas 1,2%. Nessa perspectiva, a pesquisa apresenta as instituições de grande porte e localizadas nas capitais como as mais violentas.

No sentido acadêmico, a década de 1990 foi bastante promissora no que diz respeito às pesquisas. Foi desenvolvido um conjunto de Dissertações e Teses nesse período sobre a violência na escola, sendo alguns trabalhos organizados por equipes universitárias (CANDAU, 1999) e outras a partir de iniciativas do poder público. (FUKUI, 1991).

Sposito (2001, p. 95) ressalta a importância das pesquisas acadêmicas realizadas no Rio de Janeiro, na década de 1990.

Nesse momento, parte importante da pesquisa acadêmica procura examinar as relações entre a violência que ocorre nos bairros periféricos e favelas de alguns centros urbanos, sobretudo em regiões de domínio do crime organizado ou do narcotráfico, e a vida escolar. Destacam-se, nesse quadro, os estudos realizados na cidade do Rio de Janeiro. (COSTA, 1993; RODRIGUES, 1994; GUIMARÃES, 1995; PAIM, 1997; CARDIA, 1997 apud SPOSITO, 2001, p. 91).

Desse modo, a autora ratifica que estes trabalhos são importantes porque levantam questões interessantes envolvendo escola e violência, como o aumento da criminalidade e da insegurança dos alunos.

Ainda nesse período, uma pesquisa realizada por Guimarães (1995) investiga a ação das galeras do *funk* e o narcotráfico nas escolas públicas do Rio de Janeiro. De acordo com os autores Costa (1997), Rodrigues (1994) e Guimarães (1995) as principais causas de violência nas escolas públicas do Rio de Janeiro são o tráfico de drogas e a disputa por territórios nos morros.

No conjunto das pesquisas realizadas no Rio de Janeiro, temos Candau (1999), que investigou o tema violência escolar, evidenciando o seu aumento como resultante da violência social, em que a maioria dos entrevistados afirmou a presença de agressões físicas e verbais entre alunos como as mais frequentes. No universo das pesquisas desenvolvidas nesta época, na cidade do Rio de

Janeiro, pode-se observar que a escola reflete parte da realidade do ambiente externo, em especial, aquelas localizadas onde domina o crime organizado.

Outra cidade brasileira que serviu de local de pesquisa sobre a violência foi Porto Alegre. Costa (2000) e Paim Costa (2000) desenvolveram seus trabalhos em unidades escolares localizadas na periferia e marcadas por um alto grau de violência social. Nas referidas pesquisas é reconhecida a presença de agressões verbais e brigas entre alunos que afetam a execução de um projeto educativo desenvolvido pela escola. Porém a maior parte das pessoas envolvidas vê somente a coação física como violência.

Em Belo Horizonte, o estudo mostra o afrontamento de moradores de bairros geograficamente próximos e díspares nas formas de conflitos cotidianos. (ARAÚJO, 2000). O dado novo trazido por esta pesquisa diz respeito não só à violência que os adolescentes experimentam no cotidiano, mas o estigma no interior da escola, resultante da localidade onde mora.

Na cidade de Florianópolis, foram investigadas duas escolas, marcadas pela sensação de caos e deterioração das relações diárias. Fundamentada em estudos franceses que recorrem à noção de incivilidade, Lanterman (2000) analisa as relações diárias e o mal-estar que atinge tanto alunos como professores. E conclui dizendo não ser possível afirmar que as incivildades com o passar do tempo se transformem em crimes.

Camacho (2000) estudou a violência escolar na cidade de Vitória, sendo esta uma cidade com altos índices de mortes violentas de jovens entre 15 a 24 anos, ocupando o 1º lugar entre as capitais mais violentas. O que o estudo traz de inovador decorre do próprio universo da investigação, ou seja, duas escolas, uma particular confessional destinada à elite, e uma pública destinada às camadas da classe média. A pesquisa evidenciou modalidades diversas de relação entre os pares e destes com os adultos nas duas escolas investigadas. Não satisfeitos com a interação mantida com os professores, os alunos da escola particular optam por práticas de agressões verbais, na sala de aula, de maneira dissimulada para que os professores não percebam.

Os alunos da escola pública são indisciplinados em sala de aula e veem o recreio também como momento para prática de agressões verbais e físicas. Se na escola confessional as violências incidem sobre os diferentes (negros, suspeitos de homossexualidade), na escola pública, os diferentes são aqueles pertencentes a diferentes grupos (ganges).

Por sua vez, Zaluar (1994) e Peralva (2000) deixaram claro em suas pesquisas o poder que os líderes do crime exercem sobre o cotidiano dos moradores e como as relações, que ocorrem de modo individualista, voltadas para o consumo, afetam os jovens. Esse estudo reafirma a presença de formas de violência contra a escola, principalmente depredações do patrimônio. Ambas afirmam ainda que a falta dos aparelhos de segurança, em particular, a polícia, juntamente com a escassa oferta dos serviços públicos de natureza social destinada aos pobres é um fator importante a ser considerado na intensificação da violência em bairros e escolas.

Alguns estudos feitos por Lara (2001), Silva (2004) e Souza (2005) no Estado de São Paulo voltaram-se para a investigação das relações entre violência e indisciplina no ambiente escolar. Esses estudos enfatizam as práticas internas das instituições escolares, acompanhando o cotidiano da escola a partir de observações, entrevistas e questionários. Os autores buscaram investigar as práticas institucionais, as práticas docentes, as relações interpessoais (professor-aluno) e suas implicações no que concerne à violência e indisciplina ocorridas na escola.

Guadalupe (2007) desenvolveu pesquisa em Belo Horizonte onde investigou os fatores que contribuem para o comportamento delinquente nas escolas, sendo este um dos objetivos centrais do seu trabalho. E destaca a importância dos mecanismos de controle social no ambiente escolar, principalmente relacionado aos alunos. Ainda nesse período temos Lacerda (2007) que desenvolveu sua pesquisa sobre 'Violência na escola: das ofensas ao delito penal' em São Luís, no Estado do Maranhão. Esse estudo investiga a violência nas escolas públicas e privadas de São Luís a partir das percepções dos professores, alunos e demais funcionários. Destaca ainda a complexidade do conceito de violência, discutindo a concepção que professores e alunos têm sobre a temática e suas características.

Zechi (2008) faz um levantamento sobre as produções na academia envolvendo a temática violência e indisciplina na escola num período de seis anos, de 2000 a 2005 em São Paulo. Nesse estudo, buscou avaliar as tendências teórico-metodológicas da produção acadêmica com relação aos temas de violência e indisciplina na escola com a finalidade de prevenção e contenção da violência e da indisciplina.

Também na cidade de São Paulo, Silva Neto (2011) investigou como uma escola pública da capital paulista lida com a violência e indisciplina na escola. E buscou investigar como essas manifestações são concebidas pelos diferentes segmentos da escola, como se apresentam no cotidiano da escola e como interferem na prática docente e nas relações com os alunos.

Desse modo depreendemos que a literatura tem analisado o comportamento violento dos alunos em diversos estabelecimentos em centros urbanos do Brasil, assim como fatores externos e internos à escola, focalizando os tipos de violência mais comuns. Entretanto, estudos sobre o tema em foco são quase inexistentes no que se refere à realidade de São Luís. E, nesse sentido, pensamos ser importante levantar esse debate na academia.

Violência e incivilidade

Ao pensarmos acerca da violência escolar, buscamos compreender num primeiro momento o conceito de violência, para em seguida estudarmos conceitos como incivilidade à luz do pensamento de dois grandes teóricos franceses: Charlot (2002) e Debarbieux (2006). Sem deixarmos de ressaltar que os termos incivilidade e violência, para esses teóricos, têm conceitos específicos, para os quais eles buscam estabelecer uma clara distinção. Apesar de apresentarmos o termo 'incivilidade' como um aspecto importante no estudo desses autores, não nos aprofundaremos nesse estudo, haja vista ser um tema de grande abrangência, necessitando, por isso mesmo, de um tempo maior.

Para Debarbieux (2001), a definição de violência está ligada à sua construção social, ou seja, como o termo violência na escola vem sendo socialmente construído e quais fatos sociais podem ser pensados dentro dessa categoria de violência. O conceito surge depois de trinta anos

de construção social do objeto na França, forçado pela 'mídia e pelas injunções do campo'. Desse modo, a partir dos estudos desenvolvidos por um grupo de pesquisadores, buscou-se definir o termo violência na escola, apesar de haver ocorrido muitas discussões acerca desse assunto.

Para Charlot (2002), a violência é evidenciada em diferentes facetas: é necessário distinguir 'a violência na escola', 'a violência à escola' e a 'violência da escola'. 'A violência na escola' é aquela que se desenvolve ou se realiza dentro do espaço escolar, mas que não tem nenhuma relação direta com a instituição, pois ela é resultante de fatores externos. 'A violência à escola' constitui-se de ações diretamente ligadas à natureza da mesma, como as ações de vandalismo cometidas pelos alunos, ou agressões e insultos aos professores e as demais pessoas que formam a instituição. E por fim, 'a violência da escola' é aquela forma praticada pela própria instituição: a violência simbólica, pela qual os alunos são tratados de forma ríspida ou violenta e abrange desde o modo como a sala está organizada, as regras impostas, as ações e palavras, entre outros fatores. Assim, como afirma Charlot (2002)

De sorte que fica logo bem claro que a questão da violência na escola não deve ser enunciada somente em relação aos alunos: o que está em jogo também é a capacidade de a escola e seus agentes suportarem e gerarem situações conflituosas, sem esmagar os alunos sob o peso da violência institucional e simbólica. (CHARLOT, 2002, p. 436).

É pertinente enfatizar que a violência está relacionada ao 'uso da força, do poder e da dominação'. O termo violência na escola, de acordo com os sociólogos franceses, deve ser estudado a partir das relações sociais que lá se estabelecem, levando-se em consideração as tensões e ações típicas do cotidiano escolar.

As relações sociais que se desenvolvem no espaço escolar estão permeadas pelos conceitos de violência, indisciplina e incivilidade. Desse modo, faz-se necessário distingui-los como uma forma de melhor compreender o fenômeno violência na escola.

O termo 'incivilidade' merece bastante atenção, pois diz respeito às condutas que ferem as regras de convivência, mas não é visto como algo ilegal, pois não interfere nas leis nem no regimento interno da

instituição. Porém, são comportamentos desafiantes que dificultam a vida social, percebidos na escola através das ofensas verbais, das grosserias e da recusa ao trabalho, entre outras manifestações.

Dentre as incivildades mais comuns no espaço escolar, de acordo com os teóricos Charlot (2002) e Debarbieux (2001), está a falta de respeito, muito mencionada pelos professores. Estes estão dia a dia sujeitos a essas práticas, que demonstram insensibilidade ao direito de cada um de ser respeitado, já que a incivildade, de acordo com alguns, depende fundamentalmente de um tratamento educativo. Desse modo, as incivildades atrapalham o funcionamento da escola e favorecem o surgimento de relações conflituosas e de poder dentro da mesma. Garcia (2006) afirma que

As incivildades são rupturas em nível das regras e expectativas tácitas de convivência, dos pactos sociais que perpassam as relações humanas e cujo sentido muitas vezes supõe ser de domínio público desde a infância. Assim, a queixa comum entre muitos professores sobre os alunos que vêm à escola, “sem limites,” trazidos de casa, poderia ser traduzida como uma queixa sobre a ausência de padrões culturais básicos de civilidade derivados de alguma lacuna formativa devido à família. (GARCIA, 2006, p. 126).

As incivildades na escola se expressam de diferentes formas, em alguns momentos como uma forma de contestar a ordem escolar e a sua organização e, por assim dizer, ‘burlar’ as regras de convivência. As incivildades apresentadas na escola em forma de ausência de valores, de atitudes condizentes com o ambiente educativo e a ausência de princípios morais provocam transtornos no ambiente educativo e nos leva à reflexão sobre o tipo ou concepção de educação que a sociedade diz realizar.

As práticas constantes de incivildade na escola demonstram que há necessidade de se construir novas práticas sociais na instituição escolar ou naquilo que se denomina educação. As ações de incivildade e violência na escola, em muitos momentos, têm sido confrontadas com o controle social exercido pela escola sobre os alunos. A escola, usando de seu poder de forma arbitrária, estaria cometendo o que ela mesma combate: a violência sobre seus alunos. Essa violência, que muitas vezes

não se apresenta de forma clara, está lá, presente no sistema, e controla a vida dos alunos, dizendo o que é permitido e o que não é permitido, o que se pode pensar e construir ou não no espaço escolar. Partindo dessas reflexões e estudos acerca da violência no espaço escolar, apresentamos dois conceitos importantes e distintos que são a *violência* e a *incivilidade*.

Considerações finais

A violência na escola é uma realidade que emerge do meio social. E tem se apresentado no espaço escolar através de agressões físicas, verbal, e simbólica. Desse modo, compreendemos a importância de um olhar mais atento acerca deste assunto, expondo-o no meio social, de modo a estimular discussões produtivas que proporcionem uma melhor compreensão de tal realidade.

Sabemos que a violência no espaço escolar no Brasil passou a ter lugar na agenda pública, mais precisamente na década de 1980, com o fim da ditadura militar. Os abusos, num primeiro momento, apresentaram-se sob a forma de depredações, furtos e atos de vandalismo cometidos por pessoas que, geralmente, não faziam parte da escola.

No que concerne à década de 1990, a violência nas escolas foi considerada uma questão de segurança. Nesse período, evidencia-se um grande número de iniciativas públicas voltadas para reduzir a violência nas escolas. Assim, outros estudos foram surgindo no século XXI. Além da importância da conceituação da temática violência na escola, essas duas décadas aparecem como um período marcante, pois é quando se inicia essas discussões na academia. E entendemos como necessário se fazer o resgate desse contexto histórico para uma melhor compreensão dessa realidade.

É possível compreender neste estudo a grande preocupação de pesquisadores e estudiosos nacionais e internacionais acerca da conceituação dessa temática. Assim como também compreender as ações implícitas de violência na escola, ou seja, como a mesma tem se manifestado no espaço escolar. Também tem havido a preocupação em estudar esses dois termos distintos (violência e incivilidade) e como eles estão relacionados no meio escolar

Para tanto, entendemos ser importante levantar esse debate na academia, favorecendo o surgimento de novos debates e pesquisas que venham a contribuir com iniciativas para combater a violência na escola, sendo que o poder público tem um importante papel na promoção dessas iniciativas em conjunto com a escola, a família e a sociedade.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam. **Violência na escola**: America Latina e Caribe. Brasília: UNESCO, 2003.

ARAÚJO, Maria Carla de Ávila. **Vivências escolares de jovens de um bairro da periferia de Belo Horizonte**. 2000. 259 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma análise do sistema de ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes**. 2000. 276 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CANDAU, Vera. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 2, n. 8, p. 432-443, jul./dez. 2002.

CODO, Wanderley (Coord.). **Educação**: carinho e trabalho. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

COSTA, Eloisa Helena de Campos. **A trama da violência na escola**. 1997. 261 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1997.

_____. Marcia Rosa. **Eu também quero falar**: um estudo sobre infância, violência e educação. 2000. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Cidade, 2000.

DEBARBIEUX, Éric. A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n.1, p.163-193, jan./jun. 2001.

_____. **La violence em milieu scolaire: le dédordre des choses**. Paris: ESF éditeur, 1999.

_____. **Violência na escola: um desafio mundial?** Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

FUKUI, Lia. Estudo de segurança nas escolas públicas estaduais de São Paulo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 79, nov. 1991.

GARCIA, Joe. Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 8, n. 1, p. 121-130, dez. 2006.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; TOSTA Sandra Pereira. **A síndrome do medo contemporâneo e a violência na escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

GUADALUPE, Thiago de Carvalho. **Violência nas escolas: testando teorias de controle social**. 2007. 110 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **A depredação escolar e a dinâmica da violência**. 1990. 471 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 1990.

_____. **Escola e violência: relações entre vigilância, punição depredação escolar**. 1984. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1984.

_____. Maria Eloísa. **Escola, galeras e narcotráfico**. 1995. 205 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

LACERDA, Maria Izabel Costa. **Violência na escola: das ofensas ao delito penal: uma análise na cidade de São Luís**. 2007. 90 f. Dissertação

(Mestrado em Políticas Públicas) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2007.

LARA, C. R. **Violência Escolar**: por um olhar diferenciado do problema no contexto escolar. 2001. 298 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LANTERMAN, Ilana. **Violência e incivilidade na escola**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

MOURA, Eliana Ribeiro de. **Violência da escola**. 1988. 82 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1988.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **A UNESCO e a educação na América Latina e Caribe**. Brasília, 1998a.

PAIM COSTA, Giseli. **A repercussão da violência social no cotidiano escolar**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

PERALVA, Angelina. **Violência e democracia**: o paradoxo brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

RODRIGUES, Anita Schumann. **Aqui não há violência**: a escola silenciada: um estudo etnográfico. 1994. 91 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

SASTRE, Edilberto. **Panorama dos estudos sobre violência nas escolas no Brasil**: 1980-2009. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015503.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2012.

SILVA, J. B. **A escola enfrenta a violência**: dos projetos às representações docentes. 2004. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2004.

SILVA NETO, Claudio Marques da. **Indisciplina e violência no espaço escolar**: aprendizagem e participação como fundamentos da ordem.

2011. 248f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2011.

SOUZA, D. B. **Representações sociais sobre indisciplina em sala de aula dos professores em início de carreira da rede municipal de Presidente Prudente – SP:** implicações para a formação inicial. 2005. 205 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2005.

SPOSITO, Marília Pontes. A instituição escolar e a violência. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 104, p. 58-75, 1998.

_____. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 87-103, jan./jun. 2001.

ZALUAR, Alba. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro: Revan/UFRJ, 1994.

ZECHI, Juliana Aparecida Matias. **Violência e indisciplina em meio escolar:** aspectos teóricos metodológicos da produção acadêmica no período de 2000 a 2005. Presidente Prudente: [s.n], 2008.